

O CONTEXTO E O DEBATE ACERCA DA *AUFKLÄRUNG*¹

THE CONTEXT AND DEBATE ABOUT THE *AUFKLÄRUNG*

DANIELTON CAMPOS MELONIO

Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (2021).

Mestre em Educação (2012) e graduado em Filosofia (2000) pela

Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

danielton.melonio@ufma.br

RESUMO

Objetiva-se neste artigo explicitar os elementos contextuais que permitiram a emergência do debate em torno no Esclarecimento na Alemanha no século XVIII, destacando-se o aspecto comunicacional desse fenômeno cultural, em especial a maneira como a circulação de jornais e revistas da época contribuiu para isto. A exposição será realizada em dois momentos. No primeiro busca-se identificar as características do contexto germânico e como tal conjuntura produziu as peculiaridades do debate sobre a *Aufklärung*. No segundo será explicitada a questão preliminar que deu início ao referido debate, identificando também alguns dos artigos publicados na época em decorrência desse processo, sugerindo que este evento foi possibilitado por condições comunicacionais e midiáticas daquele período.

Palavras-chave: Esfera pública. Revistas. Jornais. Esclarecimento. Século XVIII. Kant.

ABSTRACT

The objective of this article is to explain the contextual elements that allowed the emergence of the debate around the Enlightenment in Germany in the 18th century, highlighting the communicational aspect of this cultural phenomenon, especially the way in which the circulation of newspapers and magazines of the time contributed to this. The exhibition will be held in two moments. The first seeks to identify the characteristics of the Germanic context and how such a conjuncture produced the peculiarities of the debate on the *Aufklärung*. In the second, the preliminary question that started the aforementioned debate will be explained, also identifying some of the articles published at the time as a result of this process, suggesting that this event was made possible by communication and media conditions of that period.

Keywords: Public sphere. Magazines. Newspapers. Enlightenment. XVIII century. Kant.

I

A produção de uma obra, seja ela artística, literária ou mesmo filosófica, é possível também devido aos elementos contextuais que permite sua composição. Os aspectos históricos, sociais, econômicos, culturais são determinantes para que qualquer produção humana seja realizada. Uma obra não deve ser o resultado de uma elaboração descolada de

¹ Recebido em 20 de setembro de 2022. Aprovado em 30 de novembro de 2022.

um tempo e um espaço. Cada obra emerge a partir das condições de possibilidade que permitem sua existência. Sendo assim, tanto o fazer humano quanto a obra dela realizada são frutos do contexto que permitiu sua produção.

No século XVIII na Europa, em especial na Prússia, ocorreu um debate público entre certos membros da classe média germânica em torno do conceito de Esclarecimento (*Aufklärung*). Em decorrência desse fato, foram publicados uma série de textos em revistas e jornais daquele momento, com destaque para o redigido pelo filósofo prussiano Immanuel Kant (11724-1804) em 1784, que se tornou um modelo que contribuiu para orientar o debate na época, bem como serviu de norte para leitores para além desse contexto. Esse escrito redigido por Kant se tornou, dessa maneira, uma *obra* filosófica que representa bem esse fenômeno histórico.

Como qualquer obra cultural, a composição do escrito kantiano foi possível devido aos elementos contextuais existentes naquele tempo. As condições econômicas e políticas dos territórios germânicos, o surgimento de instituições da esfera pública burguesa e a circulação de jornais e revistas, só para citar alguns elementos, foram responsáveis por garantir as condições de possibilidade para a publicação desse e de outros textos referentes ao debate sobre a *Aufklärung*. Nesse sentido, reconhecer tais elementos contextuais contribuem para o entendimento da relação obra/contexto, permitindo que se tenha uma visão mais ampla de como os produtos culturais são elaborados e se manifestam em cada momento histórico.

Desse modo, objetivo neste artigo explicitar os elementos contextuais que permitiram a emergência do debate em torno no Esclarecimento na Alemanha no século XVIII, destacando o aspecto comunicacional desse fenômeno cultural germânico, em especial a maneira como a circulação de jornais e revistas da época contribui para isto.

Farei isso em duas etapas. Na primeira delas dedicar-me-ei a identificar as características do contexto germânico e como tal conjuntura produziu as peculiaridades do debate sobre a *Aufklärung*. Na segunda, explicitarei a questão preliminar que deu início ao referido debate, bem como identificarei alguns dos artigos publicados na época em decorrência disso, sugerindo que este fenômeno cultural foi possibilitado por condições comunicacionais e midiáticas daquele período. Realizarei esse trajeto argumentativo alicerçado principalmente na leitura das obras *Mudança estrutural da esfera pública* de J. Habermas, *Kant Political Writings* de H. REISS, *O processo civilizador* de Norbert Elias e *What is Enlightenment?* de J. Schmidt.

II

O movimento do Iluminismo ocorreu no século XVIII inicialmente no ambiente europeu. Todavia, foi nos limites do mundo germânico da época que passou a questionar a si mesmo. Este movimento deixara suas marcas na França, circunstância em que os iluministas questionavam vários temas e várias instituições, criticando sobretudo a ordem política estabelecida. Contudo, foi na Alemanha, nas duas últimas décadas do século XVIII, que o Iluminismo passou a ser alvo de um questionamento filosófico: questionou a si mesmo, buscando compreender o que *é* e quais são os seus *limites*. Essa é a característica nova da face do Iluminismo que se desenvolveu em solo alemão. É indispensável, ainda, apresentar o cenário que gerou as condições de possibilidade para que essa característica pudesse existir. Foi necessário que diversos elementos históricos concorressem para a configuração dessa conjuntura.

É preciso jamais esquecer que a *Aufklärung* é um acontecimento ou um conjunto de acontecimentos e de processos históricos complexos, que se situaram em um determinado momento do desenvolvimento das sociedades européias. Esse conjunto inclui elementos de transformações sociais, tipos de instituições políticas, formas de saber, projetos de racionalização dos conhecimentos e das práticas, mutações tecnológicas, que são muito difíceis de resumir em uma palavra, embora muitos desses fenômenos sejam ainda importantes no momento atual.²

O Iluminismo alemão difere do francês e do inglês. Como sugere Reiss, os pensadores alemães eram mais eruditos, professorais e abstratos que os ingleses e franceses. A falta de uma cultura metropolitana na Alemanha da época dificultava o fomento da discussão política viva, diferentemente do que ocorria na França e na Inglaterra. As condições alemãs não permitiam que os seus intelectuais tivessem oportunidades para participar de forma ativa da vida política³.

[A] situação política na Alemanha não estava madura para atividades revolucionárias. Na Alemanha, como na Inglaterra e na França, a ascensão da burguesia foi notável, mas a burguesia alemã não se emancipou do domínio dos príncipes e da aristocracia⁴.

² FOUCAULT, M. O que são as Luzes? In: _____. *Ditos e escritos II*. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento, p. 346.

³ REISS, H. *Kant Political Writings*, p. 311.

⁴ *Ibid.*, p. 328.

No mesmo sentido, Elias observa que havia uma *intelligentsia* alemã de classe média, geralmente recrutada entre “servidores dos príncipes”, burgueses, ou funcionários públicos no sentido mais amplo, e ocasionalmente também em meio à nobreza proprietária de terra”⁵.

Ainda segundo o autor, essa

intelligentsia constituía um estrato muito distante da atividade política, mal pensava em termos políticos, e apenas experimentalmente em termos nacionais; sua legitimação consistia principalmente em suas *realizações* intelectuais, científicas ou artísticas⁶.

No aspecto econômico, a Alemanha era um país bem mais pobre que a Inglaterra ou a França⁷. Esse foi um obstáculo para que a burguesia alemã se sentisse mais segura de si e capaz de empreender uma “ação revolucionária” efetiva. Nesse sentido, a liberdade política mal chegara a criar raízes no solo alemão⁸. Outro aspecto que merece destaque é o tamanho das cidades e dos principados alemães, e como isto influenciou a maneira como se manifestou a *Aufklärung* nesse local: “o pequeno tamanho da maior parte de principados alemães permitiu uma supervisão muito mais próxima dos sujeitos por parte dos soberanos do que em países maiores”⁹.

Além disso, a formação e as peculiaridades da burguesia alemã são aspectos que influenciaram a forma de expressão do Iluminismo naquele território. “As condições na Alemanha distinguem-se das inglesas pelas barreiras estamentais, conservadas por mais tempo pelo absolutismo continental em geral, sobretudo aquelas entre a nobreza e a burguesia”¹⁰. E os burgueses se mantêm distantes e distintos do povo, que era formado pela população rural, pela camada baixa “propriamente dita (trabalhadores diaristas, soldados e serviços domésticos), os merceeiros, os artesãos e os operários”¹¹. Os burgueses alemães eram definidos pela sua formação. “Os burgueses pertencem aos estamentos cultos – homens de negócio e acadêmicos (eruditos, religiosos, funcionários públicos, médicos, juristas,

⁵ ELIAS, N. *O processo civilizador*, p. 28.

⁶ Ibid., p. 28.

⁷ Sobre esse fato, Elias observa que o país passou por uma terrível devastação econômica “após a Guerra dos Trinta Anos. No século XVII, e ainda mesmo no século XVIII, a Alemanha e, em particular, a burguesia alemã são pobres em comparação com os padrões francês e inglês. O comércio, em especial o comércio externo que fora altamente desenvolvido em partes do país no século XVI, está em ruínas. Desmoronou a imensa riqueza das grandes casas mercantis, parcialmente devido à mudança nas rotas de comércio devido à descoberta de novas terras no ultramar e, até certo ponto, em consequência do longo caos da guerra. O que sobra é uma burguesia de pequenas cidades, de horizontes estreitos, vivendo basicamente do atendimento de necessidades locais” (Ibid., p. 29).

⁸ REISS, H. Op. cit., p. 328.

⁹ Ibid., p. 334.

¹⁰ HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*, p. 208.

¹¹ Ibid., p. 208-209.

professores, e assim por diante)”¹². Cabe observar que a burguesia germânica da época era distinta da francesa e inglesa, o que permitiu que a *Aufklärung* ocorresse no campo do debate público em nível mais teórico e abstrato, e menos no sentido revolucionário propriamente dito, como ocorreu na França, por exemplo. Levando em consideração as condições econômicas, políticas e sociais existentes em solo germânico naquela época não é espantoso que o Esclarecimento na Alemanha fosse diferente daquele que ocorria em outros países ocidentais¹³.

No contexto germânico a *Aufklärung* passou por três momentos. A *primeira fase* é marcada pelo racionalismo e tem suas origens em Christian Thomasius (1655-1728) e Christian Wolff¹⁴ (1679-1754). Essa primeira fase “foi inaugurada no início do século na Universidade de Halle por Thomasius e codificada por Christian Wolff”¹⁵. Deixaram de lado o uso do latim acadêmico em seus escritos e passaram a redigir em língua alemã. Além disso, cabe observar que Wolff ampliou o público leitor de suas obras, indo para além “das fronteiras das universidades e das profissões liberais”¹⁶, o que permitiu um maior alcance de suas ideias filosóficas. Contudo, devido à pressão política que sofreu de Frederico Guilherme I, foi forçado a abandonar a Prússia em 1723. No exílio forçado reescreveu o seu sistema, “desta vez em latim para um público internacional de *scholars*. No seu regresso à Prússia, com a subida de Frederico II ao trono em 1740, Wolff já parecia um fóssil intelectual”¹⁷, tendo perdido a força de sua influência na mentalidade germânica da época.

A *segunda fase* da *Aufklärung* é marcada por uma ênfase no ceticismo e no senso comum, deixando de lado o racionalismo promovido por Thomasius e Wolff, que marcou a primeira fase. Em função disso, “muito poucos filósofos escreveram sistemas racionais, a preferência sendo para os espirituosos ensaios ‘céticos’ que tinham por modelo os de Hume”¹⁸. Os textos pré-críticos de Kant são um bom exemplo do estilo dos ensaios publicados nesta segunda fase. O livro *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, publicado em 1764, é uma obra que representa bem este momento da *Aufklärung*¹⁹.

¹² Ibid., p. 209.

¹³ REISS, H. *Kant Political Writings*, p. 337.

¹⁴ Para maiores detalhes sobre o papel de Wolff na constituição da *Aufklärung* Cf. LOSONKY, M. *Enlightenment and action, from Descartes to Kant*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2001, capítulo 8.

¹⁵ CAYGILL, H. *Dicionário Kant*, p. 215.

¹⁶ Ibid., p. 215.

¹⁷ Ibid., p. 215.

¹⁸ Ibid., p. 215.

¹⁹ Ibid., p. 215.

A terceira fase é inaugurada com a publicação da *Crítica da razão pura* de Kant em 1781, após dez longos anos de “silêncio”. Com a publicação desta obra Kant “procurou combinar ceticismo e rigor sistemático”²⁰. Como observa Caygill, no

prefácio da primeira edição de CRP, Kant descreve a sua época como uma época de crítica; crítica da religião, da política e até da própria razão. A crítica envolvia submeter as crenças religiosas, políticas e intelectuais ao “seu livre e público exame” (CRP A XII), deixando o veredito para “o acordo de cidadãos livres, cada um dos quais deve poder exprimir as suas reservas e mesmo exercer o seu veto sem impedimentos” (CRP A 739/B 767)²¹.

Ou nas palavras do próprio Kant:

Ouvem-se muitas queixas sobre a superficialidade do modo de pensar de nossa época e o declínio da ciência rigorosa. Eu não creio, porém, que aquelas que têm seu fundamento bem estabelecido, como a matemática, a ciência da natureza etc., mereçam sequer minimamente essa acusação; elas antes afirmam a velha reputação de profundidade e, no caso da última, chegam até a superá-la. Esse mesmo espírito poderia provar-se real também em todos os outros tipos de conhecimento, desde que se cuidasse primeiramente de retificar os seus princípios. Na falta desta correção, a indiferença, a dúvida e, afinal, uma forte crítica são antes as provas de um modo de pensar rigoroso. Nossa época é a verdadeira época da *crítica* a que tudo tem de submeter-se. A *religião*, por meio de sua *sacralidade*, e a *legislação*, por meio de sua *majestade*, querem em geral escapar a ela. Desse modo, porém, levantam contra si uma legítima suspeita e não podem aspirar ao sincero respeito que a razão dedica apenas àquele que pôde suportar o seu livre e público teste²².

A terceira fase da *Aufklärung* é caracterizada como a “época da crítica”. Nessa etapa nenhum tema ou mesmo instituição foram poupados: nem a autoridade eclesiástica, nem a autoridade monárquica e muito menos a própria razão foram deixadas de lado pelo espírito crítico.

A própria *Aufklärung* é colocada em questão pelo espírito crítico da época. Mais do que investigar sobre os seus limites, houve um esforço coletivo para aprofundar a questão, discutindo sobre o significado do termo, para, depois, tentar estabelecer o seu alcance e os seus desdobramentos no espaço social. Uma das marcas distintivas do Iluminismo alemão²³, sobretudo nesta terceira fase, é o debate sobre o que significa propriamente *Aufklärung*²⁴.

²⁰ Ibid., p. 215.

²¹ Ibid., p. 215.

²² KANT, I. *Crítica da razão pura*, p. 19 / A XIII.

²³ Sobre esse aspecto da *Aufklärung*, Foucault faz o seguinte comentário: “E, me parece, um dos eixos mais interessantes para o estudo do século XVIII em geral, porém mais precisamente disso que se chama *Aufklärung*, é o fato de a *Aufklärung* ter chamado a si mesma de *Aufklärung*. Quer dizer, estamos diante de um processo cultural sem dúvida muito singular, que logo tomou consciência de si de certo modo, nomeando-se e situando-se em relação a seu passado, em relação ao seu futuro, em relação também a seu presente, designando pelo próprio

Essa polêmica tornou-se possível em razão de certas condições histórico-culturais. Diversamente do contexto francês e inglês, não existiam em solo germânico, naquele momento, nem *salões* e nem *cafés*, que são instituições constituídas a partir da esfera pública burguesa da época, que tornaram possível a publicidade e a constituição de um espaço público burguês. Na França do século XVIII os *salões* foram os locais escolhidos para as discussões e polêmicas fora do ambiente da corte. E os *cafés* na Inglaterra tiveram papel semelhante, se tornando um espaço para o debate de vários temas, sobretudo sobre política.

Nos *salões* parisienses a influência da corte era cada vez menor²⁵. Estes locais eram frequentados tanto por nobres quanto por plebeus. Circulavam nesses espaços públicos “filhos de príncipes e condes, relojoeiros e merceeiros”²⁶. O poder econômico ou a posição social não era um obstáculo para que se garantisse a presença nos salões franceses. “No salão o espírito não presta mais serviços ao mecenas. A opinião se emancipa das amarras da dependência econômica”²⁷.

De um espaço inicialmente de entretenimento e luxo, os salões se tornaram um local para encontro e discussão entre diversos estamentos sociais. Os salões se tornam um espaço de reuniões, com a finalidade de discutir em público o que estava ocorrendo na cena cultural e artística de Paris.

Difícilmente haveria algum grande escritor do século XVIII que não tenha apresentado suas ideias essenciais para debate em tais discursos, em conferências na academia e, sobretudo, nos salões.²⁸

nome de Aufklärung o processo, melhor que o processo, as operações que esse próprio movimento devia efetuar no interior do seu próprio presente”. (FOUCAULT, M. *Governo de si e governo dos outros*. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2010, p. 15). Torres Filho também se pronuncia nesse sentido, observando que a *Aufklärung* buscou se esforçar deliberada e metodicamente para definir a si mesma, e num movimento reflexivo desviou-se de seus objetos para “ilustrar-se sobre a sua própria natureza” (TORRES FILHO, R. Respondendo à pergunta: Quem é a Ilustração?. In: _____. *Ensaio de Filosofia ilustrada*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 85).

²⁴ Acerca disso, Schmidt se manifesta da seguinte forma: “While the Enlightenment was a European event, the debate on the question “What is enlightenment?” was uniquely German. For reasons that defy easy explanation, neither French philosophes nor Scottish moralists (to name only the two most likely parties) were as concerned as their German-speaking colleagues with the question of what enlightenment was” (SCHMIDT, J. *What Is Enlightenment?*, p. 101).

²⁵ A respeito desse fato, Habermas se pronuncia da seguinte maneira: “A corte perde sua posição central na esfera pública, ou seja, perde, na verdade, sua posição como esfera pública com a regência de Filipe de Orléans, que transferiu sua residência de Versalhes para Paris. Na medida em que a cidade assume suas funções culturais, muda não somente o portador da esfera pública, mas também ela mesma. A esfera da representação do rei, e com ela o *grand goût* de Versalhes, torna-se uma fachada mantida a muito custo. O regente e seus sucessores preferem as pequenas sociedades, quando não apenas o círculo familiar, e esquivam-se, até certo ponto, da etiqueta. O cerimonial grandioso quase cede lugar à intimidade burguesa” (HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*, p. 142).

²⁶ Ibid., p. 146.

²⁷ Ibid., p. 146.

²⁸ Ibid., p. 147.

Era nesse espaço que as obras eram apresentadas ao público em primeira mão. “Os salões como que mantêm o monopólio da primeira publicação: um novo *opus*, mesmo musical, teria primeiro de se legitimar diante desse fórum”²⁹.

Os salões se tornam, então, um espaço público para divulgação das ideias e obras da época: passar pela audiência e pela aprovação dos frequentadores dos salões eram coisas muito importantes para o sucesso de tais obras. Ser “aplaudido” ou criticado pelos membros que frequentavam os salões era um critério necessário para que se soubesse quem produzia arte ou ciência na época, e o que estava acontecendo em Paris naquele período.

Na Inglaterra foram os *cafés* que exerceram essa tarefa de publicização e de discussão pública. Como a corte inglesa “jamais conseguiu dominar a cidade como ocorreu na França do Rei-Sol”³⁰, a influência da monarquia na cidade era bem pequena. É nesse contexto que florescem os cafés ingleses, entre os anos de 1680 a 1730³¹. O café se torna uma bebida popular e muito consumida na Inglaterra a partir da metade do século XVII³². Devido a isso, os *cafés* se tornam um local de reunião cada vez mais comum entre os ingleses. “Na primeira metade do século XVIII, já existiam em Londres mais de 3 mil desses cafés, cada qual com um círculo de fregueses assíduo”³³. Estes estabelecimentos eram frequentados exclusivamente por homens. “Os cafés permitiam não apenas o acesso livre aos círculos competentes, mas abrangiam sobretudo as camadas mais amplas dos estamentos médios, inclusive artesãos e marceneiros”³⁴. Nestes espaços pessoas de várias classes sociais se encontravam com frequência, se tornando, dessa maneira, um espaço que não fazia distinção econômica entre seus frequentadores do gênero masculino.

De forma análoga ao que ocorria nos salões parisienses, a produção literária necessitava se apresentar nos cafés para que fosse legitimada pelo público. Nesse espaço reuniam-se intelectuais e aristocratas. Foi nesse ambiente que a “discussão mediante razões” se realizou no contexto inglês. Inicialmente se discutia nos cafés sobre obras de arte e literatura. Logo passou-se a discutir também sobre questões de política e economia que atingiam os londrinos daquela época³⁵. Essas disputas públicas tinham consequência na dinâmica da cidade, sobretudo porque os homens que frequentavam os salões participavam

²⁹ Ibid., p. 147.

³⁰ Ibid., p. 142.

³¹ Ibid., p. 143.

³² Ibid., p. 144.

³³ Ibid., p. 144.

³⁴ Ibid., p. 145.

³⁵ Ibid., p. 144.

diretamente de atividades produtivas e políticas da vida cotidiana. O que ali era discutido tinha, muitas vezes, consequências práticas também na sociedade.

Na medida em que não existiam os espaços públicos dos *salões* e dos *cafés* na Alemanha, as “sociedades de leitura”, que eram espaços que permitiam disputas sobre diversos assuntos, ocuparam este lugar, em especial quando se tratava de discussões relacionadas ao tema da política. Todavia, essas controvérsias ocorridas no interior dessas “sociedades” permaneciam nos limites físicos desses locais, o que fazia com que tais instituições pudessem ser consideradas, de alguma forma, sociedades “secretas”³⁶.

No contexto germânico do século XVIII o “público que discute política mediante razões encontra lugar, sobretudo, nas reuniões privadas dos burgueses”³⁷. E um desses espaços públicos que congregava a burguesia alemã era o das sociedades de leitura.

Desde os anos de 1770, as sociedades de leitura, privadas e comerciais, se difundiram por toda parte, até mesmo nas cidades menores, de modo que pôde se estabelecer uma discussão universal sobre o valor e o não valor das instituições. Até o fim do século, havia mais de 270 sociedades de leitura na Alemanha. Tratava-se, em sua maioria, de associações com espaços próprios, que possibilitavam a leitura tanto de periódicos quanto de jornais, bem como, o que é igualmente importante, para conversar sobre o que foi lido³⁸.

Desdobramento dos antigos “círculos de leitura” (que eram formados por comunidades de assinantes que se reuniam para adquirir em grupo os jornais e com isso baratear o custo da aquisição de tais periódicos), as sociedades de leitura não tinham a mesma finalidade, nem a motivação financeira dos círculos de leitura³⁹.

Essas associações – que elegem uma direção segundo um estatuto, decidem por maioria a admissão de novos membros, resolvem questões controversas em geral pela via parlamentar e não admitem mulheres e jogos – servem unicamente à necessidade de pessoas privadas burguesas de formar uma esfera pública enquanto público que discute mediante razões: ler e conversar sobre revistas, trocar opiniões pessoais e formular conjuntamente aquelas que, a partir dos anos de 1790, são denominadas “opiniões públicas”.⁴⁰

Uma das “sociedades alemãs” daquela época que esteve diretamente vinculada ao debate público sobre *a Aufklärung* foi a *Sociedade dos Amigos do Esclarecimento* ou *Sociedade das Quartas-Feiras* (*Mittwochsgesellschaft*). Dentre estas instituições que

³⁶ HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*, p. 209.

³⁷ *Ibid.*, p. 209.

³⁸ *Ibid.*, p. 210.

³⁹ *Ibid.* p. 210.

⁴⁰ *Ibid.* p. 210.

emergiram no século XVIII na Alemanha, a *Sociedade das Quartas-feiras* foi uma das últimas a ser fundada. Tais sociedades emergiram para atender a diversas necessidades; e num contexto em que muitos indivíduos não encontravam mais sentido nos rituais religiosos ortodoxos, as cerimônias que ocorriam no interior dessas sociedades “secretas” pareciam preencher essa lacuna, se tornando atraentes e interessantes para muitos dos que as frequentavam⁴¹.

A *Sociedade das Quartas-Feiras* existiu em Berlin entre 1783 e 1798, no auge da *Aufklärung*. Foi organizada como um círculo de amigos que tinham uma orientação pró-iluminista, e teve um certo *status* social devido à influência intelectual da maioria de seus membros⁴². Segundo o seu regimento interno, os encontros deveriam ocorrer na primeira e na terceira quarta-feira de cada mês, de 29 de setembro até a Páscoa; no restante do ano as reuniões ocorriam na primeira quarta-feira de cada mês. O regimento ainda também definiu o nome “externo” *Sociedade das Quartas-feiras*, provavelmente por imitação ao *Clube Berlinense das Quartas-feiras* (uma organização de caráter meramente social que havia desde 1749). Porém, internamente, o nome atribuído ao clube era *Sociedade dos Amigos do Esclarecimento*, indicando a vinculação ao programa iluminista que seguiam⁴³.

As reuniões tinham o objetivo educacional de promover o esclarecimento de seus membros. Esses encontros consistiam de uma leitura, seguida por um debate no qual os participantes falavam de acordo com a ordem das cadeiras em que estavam sentados, de maneira ordenada e disciplinada. As falas deveriam, segundo o regimento interno, ser registradas em ata⁴⁴.

O estatuto da *Sociedade das Quartas-Feiras* continha uma lista dos seus membros, que de acordo com o artigo 10º, eram ordenados numericamente, sendo que o número indicava a ordem de apresentações e de intervenções a ser seguida durante as reuniões⁴⁵. Conforme a ordem de inscrição, a sociedade era composta por: Wilhelm Abraham Teller (1734-1804), Johann Jacob Engel (1741-1802), Frederich Nicolai (1733-1811), Christian Wilhelm von Dohm (1751-1820), Moses Mendelssohn (1729-1786), Johann Karl Wilhelm Möhsen (1722-1795), Johann Samuel Diterich (1721-1797), Ernst Ferdinand Klein (1744-1810), Johann Friedrich Zöllner (1748-1804), Christian Gottlieb Selle (1748-1800), Friedrich

⁴¹ SCHMIDT, J. *What is Enlightenment?*, p. 238.

⁴² BIRTSCH, G. The Berlin Wednesday Society. In: SCHMIDT, J. *What is Enlightenment?*, p. 5533-5538.

⁴³ *Ibid.*, p. 5344-5344.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 5344-5350.

⁴⁵ *Ibid.* p. 5372.

Gedike (1754-1803), Johann Friedrich Biester (1749-1816), Karl Franz von Irwing (1728-1801), dentre outros⁴⁶.

Os membros que compunham a *Sociedade das Quartas-Feiras* faziam parte do estamento culto da sociedade alemã. Eram servidores do Estado e também intelectuais, e inauguraram o debate sobre a *Aufklärung*. Nesse espaço havia uma pluralidade e diversidade entre os mesmos, o que não existia na esfera política governamental:

em uma sociedade com uma hierarquia estritamente definida, as sociedades secretas proporcionavam um ambiente no qual membros de diferentes religiões, grupos profissionais e classes sociais podiam entrar em contato uns com os outros e encontrar uma companhia e solidariedade, o que não era possível acontecer no domínio público⁴⁷.

Nesse sentido, em um sistema político que oferecia poucas oportunidades para o exercício do debate político fora da estrutura burocrática do estado monárquico, muitas destas sociedades forneciam uma arena na qual as opiniões políticas poderiam ser discutidas e os programas de reforma articulados⁴⁸. As sociedades secretas como a *Sociedade das Quartas-Feiras* ofereceram um espaço propício para o debate público. Mesmo que relativamente limitado ao espaço físico dessas instituições (uma vez que a estrutura política vigente na época não permitia uma ampla discussão pública e uma larga participação política dos súditos), o que era discutido ali poderia, de alguma forma, influenciar nas mudanças sociais, pois os membros dessas sociedades tinham influência na estrutura governamental, uma vez que faziam parte dela.

Além das “sociedades de leitura”, como a *Sociedade das Quartas-Feiras*, outra condição material que permitiu a polêmica sobre a *Aufklärung* foi a circulação de artigos em revistas e jornais. A estrutura existente na época para publicação de textos e circulação dos mesmos entre os leitores foi fundamental para que isso sucedesse. Como observa Habermas, em geral,

os jornais preferidos e mais lidos eram de conteúdo político: o *Staatsanzeigen*, de Schlözers; o *Teuscher Mercur*, de Wieland; o *Minerva*, de Archenholz; o *Hamburger Politische Journal*; e o *Journal von und für Deutschland*⁴⁹.

⁴⁶ Ibid. p. 5372-5460.

⁴⁷ SCHMIDT, J. *What is Enlightenment?*, p. 244 (tradução nossa).

⁴⁸ Ibid., p. 238-244 (tradução nossa).

⁴⁹ HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*, p. 211.

Dentre as revistas mais importantes da época destaca-se a *Berlinische Monatsschrift*, que publicou boa parte dos artigos que foram redigidos em torno da discussão sobre a *Aufklärung*. Além desse periódico, outros jornais e revistas como a *Teutsche Mercur*, por exemplo, serviram como veículo para a publicação dos textos que fomentaram a polêmica pública sobre o Esclarecimento. O referido debate se torna, portanto, uma das características da *Aufklärung*.

Segundo Foucault, as revistas se tornam o ambiente concreto e institucional para a realização desse evento. Tais periódicos permitiram estabelecer, por meio da “noção de público”, a relação entre escritor e leitor⁵⁰. Este público leitor para o qual os escritores dos artigos se dirigiam nas revistas não era o público universitário (que ainda iria se constituir durante o século XIX com a reconstituição das universidades alemãs)⁵¹. Nesse sentido, de acordo com o filósofo, a *Aufklärung*

nada mais é que a explicação dessa relação entre o *Gelehrter* (o homem culto, o *savant* que escreve) e o leitor que lê [...]. O interessante é que essa relação entre escritor e leitor [...] no século XVIII não passava tanto pela Universidade, é óbvio, não passava tanto pelo livro tampouco, e sim muito mais por essas formas de expressão que eram ao mesmo tempo formas de comunidades intelectuais, constituídas pelas revistas e pelas sociedades ou academias que publicavam essas revistas.⁵²

Ademais, são “essas sociedades, [essas] academias, são essas revistas também que organizam concretamente a relação entre, digamos, a competência e a leitura na forma livre e universal da circulação do discurso escrito”⁵³.

III

A conjuntura socioeconômica existente no território germânico no século XVIII produziu condições para o debate público acerca do conceito da *Aufklärung*. E na medida em que esse debate ocorreu mais em nível teórico do que prático, a circulação das revistas e jornais foi crucial para a ocorrência desse fenômeno cultural, que produziu desdobramentos também na produção de obras filosóficas importantes, como o ensaio de Kant sobre o Esclarecimento de 1784. Vejamos como esse processo foi iniciado e também alguns artigos que foram publicados em decorrência desse fato.

⁵⁰ FOUCAULT, M. *Governo de si e governo dos outros*, p. 9.

⁵¹ *Ibid.*, p. 9.

⁵² *Ibid.*, p. 9.

⁵³ *Ibid.*, p. 9.

O debate sobre o conceito de *Aufklärung* foi provocado de certa forma pela publicação do artigo de Johann Erich Biester (1749-1816) em 1793 na revista *Berlinische Monatsschrift*. Neste escrito o autor argumentava que não seria necessária a aprovação da Igreja para a realização de casamentos civis, especialmente para aqueles indivíduos que se considerassem esclarecidos⁵⁴. Este artigo gerou polêmica, e logo em seguida outro foi publicado no mesmo ano e na mesma revista questionando a tese ali defendida, e se colocando em posição contrária. No artigo intitulado “Será aconselhável não mais sancionar o vínculo matrimonial pela religião?” Johann Friedrich Zöllner (1753-1804) expõe seus argumentos contrários aos defendidos por Biester sobre o casamento civil. E ao fazer isso levanta uma questão que se tornou crucial para o debate acerca do significado e dos limites do esclarecimento: “O que é o esclarecimento?”. Esta questão foi motivada também por suas preocupações com possíveis consequências negativas de um pseudoesclarecimento nas instituições sociais da época, como a crítica feita por Biester ao matrimônio autorizado pela Igreja no artigo citado, por exemplo. Em seu artigo Zöllner observa ainda que seria essencial responder àquela questão primeiro antes de se iniciar qualquer processo de esclarecimento; ressalta igualmente que não tinha visto ainda em nenhum lugar uma resposta plausível a essa questão⁵⁵. Essa pergunta aparentemente secundária no artigo de Zöllner foi responsável por inaugurar o debate público sobre a *Aufklärung*.

O questionamento apresentado no artigo publicado por Zöllner provocou imediatamente uma discussão e um debate entre seus leitores. Foram elaborados e publicados em revistas e jornais da época outros artigos em resposta. Com o título “Sobre a questão: o que quer dizer esclarecer?” (*Ueber die Frage: Was heisst aufklären?*), Moses Mendelssohn apresenta ao público sua resposta a essa questão, inaugurando a série de textos que contribuíram para o debate sobre o esclarecimento na Alemanha nas décadas de 80 e 90 do século XVIII. Neste escrito, Mendelssohn distingue entre “esclarecimento” e “cultura”, tendo esta um caráter mais prático e aquele um mais teórico. Distingue também entre dois tipos de esclarecimento: o esclarecimento do homem enquanto homem e do homem como cidadão. Por fim, observa que se o esclarecimento do homem enquanto homem entrar em conflito com o esclarecimento civil, então deve-se limitar o primeiro tipo em defesa do segundo. O abuso do esclarecimento, segundo Mendelssohn, pode enfraquecer o sentimento moral e levar ao egoísmo e à anarquia; o esclarecimento não deve ser ilimitado, observa Mendelssohn em seu artigo.

⁵⁴ TORRES FILHO, R. Respondendo à pergunta: quem é a Ilustração?. *Discurso*, n. 19, 1992, p. 101-112.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 101-112.

No mesmo ano e na mesma edição que publicou o artigo de Mendelssohn, Immanuel Kant (1724-1804), por sua vez, por meio do artigo intitulado “Resposta à pergunta: O que é esclarecimento?” (*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*), propôs também uma resposta à questão levantada por Zöllner. Neste artigo o filósofo de Königsberg sugere que o Esclarecimento é saída do homem do estado de menoridade em que se encontra por sua própria culpa. Declara ainda que na medida em que cada homem decide corajosamente pensar por conta própria, sem a tutela de outros, pode sair desse estado causado subjetivamente pela preguiça e a covardia⁵⁶.

Outros autores entraram nessa discussão, que se espalhou para outras revistas além da *Berlinische Monatsschrift*⁵⁷. Karl Leonhard Reinhold (1757-1823) publicou em 1784 o artigo “Reflexões sobre o Esclarecimento” no jornal *Der Teutsche Mercur*; neste artigo apresenta uma caracterização geral da natureza do esclarecimento⁵⁸. Ademais, em 1784, vários meses antes da publicação do artigo de Kant sobre o esclarecimento, Ernst Ferdinand Klein (1744-1810) publicou o escrito “Sobre a liberdade de pensamento e de imprensa: para Príncipes, Ministros e escritores”, na *Berlinische Monatsschrift*⁵⁹. O texto foi publicado de forma anônima, mas em 1797 foi divulgada uma versão revisada e assinada pelo autor. Neste artigo, Klein discute sobre a necessidade da defesa da liberdade de imprensa. Apoiando-se nos escritos do próprio Frederico, o Grande, esse recurso acaba tornando o seu texto, em muitas passagens, uma simples repetição de citações ou paráfrases do monarca prussiano. Todavia, no fim de seu ensaio justifica que a censura pode ser necessária no caso de escritos que possam estimular a desordem civil⁶⁰.

No decorrer da década de 80 outros escritos foram publicados como desdobramento da questão inicial ou de questões que surgiram a partir dela. Dentre os diversos escritos produzidos na época destaque os seguintes.

Em 1788 foi publicado em Berlim o texto de Andreas Riem (1749-1814), intitulado “Sobre o esclarecimento: se ele é ou deveria ser perigoso para o Estado, para a religião ou perigoso de alguma forma? Uma palavra para ser levada em conta por regentes, estadistas e padres”. Devido ao seu conflito com o governo prussiano, motivado pelo édito religioso de censura promulgado pelo rei Frederico II em 1788, Riem publicou seu escrito anonimamente.

⁵⁶ KANT, I. Resposta à pergunta: O que esclarecimento?, p. 100 / A 481, 482.

⁵⁷ SCHMIDT, J. *What is Enlightenment?*, p. 214.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 1691.

⁵⁹ É necessário observar que os artigos de Mendelssohn e Kant foram publicados no número 4 da *Berlinische Monatsschrift*, enquanto o de Klein foi publicado no número 3 da mesma revista.

⁶⁰ SCHMIDT, J. *op. cit.*, p. 2076.

Contudo, a sua autoria foi logo reconhecida e ele precisou renunciar ao seu cargo de pároco e, posteriormente, em 1793, foi expulso da Prússia⁶¹. Além disso, Christoph Martin Wieland (1733-1813), em 1789, publicou o escrito “Algumas pepitas de ouro de – papel velho, ou seis respostas para seis perguntas” (*Ein paar Goldkörner aus Maculatur oder Sechs Antworten auf Sechs Fragen*), sob o pseudônimo de Timalthes. Neste artigo, escrito às vésperas da Revolução Francesa, discute o problema da relação entre o esclarecimento e a revolução⁶².

Nos anos 90 foram publicados outros textos que também contribuíram para o debate, porém agora em torno de outras temáticas para além da questão original de 1783, como a relação entre o esclarecimento e a Revolução Francesa, por exemplo. Em 1792, Friedrich Karl von Moser (1723-1798) publicou o ensaio intitulado “Publicidade”, com o objetivo de servir como um guia de leitura para os diversos livros e panfletos que circulavam em alemão na época em resposta à Revolução Francesa, buscando distinguir dentre estes escritos o que era mera bajulação aos príncipes ou incitamento à rebelião. Procurou encontrar textos que argumentavam em favor de um meio-termo entre estas posições extremas⁶³. Além disso, publicou também, no mesmo ano, outro ensaio com o título “Verdadeiro ou falso esclarecimento político”. Neste escrito Moser argumenta que o esclarecimento sem religião seria pernicioso; busca encontrar, ainda, um equilíbrio entre o esclarecimento radical e o conservadorismo reacionário⁶⁴.

No ano de 1793, Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) também participa do referido debate, publicando *Reivindicação da liberdade de pensamento*. Lançado anonimamente em Danzig, foi o primeiro de seus ensaios políticos. No texto Fichte usa dos métodos da teoria do contrato social para analisar a questão da liberdade de pensamento e da liberdade de imprensa. Escreve motivado a responder ao édito de censura promulgado por Woellner em 1788⁶⁵.

Em janeiro de 1794, na revista *Pharos für Äonen*, Johann Heinrich Tieftrunk (1759-1837) publicou, anonimamente, o ensaio “Sobre a influência do esclarecimento nas Revoluções”. Argumenta que o verdadeiro esclarecimento não promove revoluções violentas, como ocorreu na França. Pelo contrário, o verdadeiro esclarecimento permite instruir os cidadãos para obedecer aos príncipes, e ensina aos príncipes como melhorar suas nações. O que ameaça a ordem pública, de fato, é um “pseudoesclarecimento”; este último é o

⁶¹ Ibid., p. 3981-3988.

⁶² Ibid, p. 1952-1954.

⁶³ Ibid. p. 2695.

⁶⁴ Ibid., p. 4911-4916.

⁶⁵ Ibid., p. 2797-2808.

verdadeiro culpado pelos eventos de terror ocorridos na França após 1789, não o esclarecimento propriamente dito⁶⁶, observa o autor.

Johann Benjamim Erhard (1766-1827) publicou em 1795 *Sobre o direito do povo a uma revolução*. Ele argumenta que uma revolução é moralmente justificada quando está fundamentada nos direitos humanos. Não considera a revolução o único caminho para que um povo saia do estado de menoridade, mas defende que é possível realizar isto por meio de uma evolução. Distingue também rebelião de revolução⁶⁷. Toma emprestado o conceito kantiano de menoridade para ampliá-lo, aplicando-o ao processo revolucionário de um povo como um todo.

Em 1797 Johann Gottfried Herder (1744-1803) publicou *Cartas para a promoção da humanidade*, em que argumenta em favor do esclarecimento. Considerava a *Aufklärung* como elemento fundamental para a promoção da humanidade do ser humano. Neste escrito trata sobre figuras centrais do esclarecimento, como Frederico II da Prússia e José II da Áustria, promotores do esclarecimento em seus estados; aborda também a questão da Revolução Francesa⁶⁸, tema que influenciou a discussão sobre o esclarecimento na década de 90.

IV

Pelo exposto, foi possível reconhecer que a configuração do capitalismo na Europa a partir do século XVII colaborou para a produção, entre outras coisas, de uma esfera pública própria desse modelo econômico. A maior velocidade da circulação das mercadorias também impactou na dinâmica da circulação das informações, que passaram a circular de forma mais rápida e atingindo um público cada vez mais amplo. A criação e circulação de jornais e revistas contribuiu para a formação de um público leitor diferente do que existia até aquele momento. Em decorrência disso, surge, então, um leitor mais crítico, participativo e atuante na formação da opinião pública. Além disso, a formação das instituições da esfera pública burguesa no século XVIII, como os salões, os cafés e as sociedades alemães, foram imprescindíveis para construir a conjuntura propícia para a discussão pública. Nesse sentido, a *publicidade*, como observa Habermas, se mostra um traço marcante daquela época, permitindo a divulgação coletiva de ideias e opiniões⁶⁹.

⁶⁶ Ibid.. p. 5014-5029.

⁶⁷ KANT, I. et al. *O que é Esclarecimento?* Tradução de Paulo Cesar Gil Ferreira. Rio de Janeiro: Via Veritas, 2011, p. 83.

⁶⁸ Ibid. p. 71.

⁶⁹ HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*, p. 34.

Mesmo que tenha sido iniciado durante o governo do monarca prussiano Frederico, o Grande (1712-1786), que era mais liberal e tolerante em relação à possibilidade da manifestação pública de seus súditos, o debate sobre a *Aufklärung* não ocorreu nas mesmas condições de liberdade de opinião experimentada por franceses e ingleses. O controle do governo sobre as instituições germânicas era sentido por aqueles que faziam parte da classe média, sobretudo porque muitos deles eram servidores da máquina estatal prussiana. Nesse sentido, uma saída para que estes intelectuais pudessem se expressar foi por meio de um debate teórico na mídia impressa da época.

Assim, a partir do que foi apresentado, é possível sugerir que a produção teórico-filosófica resultante do debate público em torno da *Aufklärung* foi um desdobramento da conjuntura existente na cultura germânica do século XVIII, em especial das últimas duas décadas. As condições econômicas, sociais, políticas e comunicacionais permitiram e fomentaram uma interação mais dinâmica entre escritores e leitores, possibilitando a discussão pública sobre diversos temas, inclusive sobre o próprio Esclarecimento. E os jornais e revistas que circulavam na Alemanha na época foram fundamentais para permitir que os intelectuais alemães pudessem divulgar suas ideias e opiniões ao grande público leitor, criando um fenômeno cultural único, capaz de possibilitar uma produção filosófica original em relação às demais composições produzidas na Época das Luzes.

REFERÊNCIAS:

BIRTSCH, G. The Berlin Wednesday Society. In: SCHMIDT, J. *What is Enlightenment? Eighteenth-Century Answers an Twentieth-Century Questions*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1997. E-book Kindle.

CAYGILL, H. *Dicionário Kant*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DEGLIORGI, K. *Kant and the Culture of Enlightenment*. Albany, NY: State University of New York, 2005. E-book Kindle.

ELIAS, N. *O processo civilizador*. Tradução de Ruy Jungman. 2. ed. vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. *Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. 1ª ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FLEISCHACKER, S. Kant's Enlightenment. *CON-TEXTOS KANTIANOS*, International Journal of Philosophy N.º 2, Noviembre 2015, pp. 177-196 ISSN: 2386-7655 Doi: 10.5281/zenodo.33969.

Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS), São Luís, v. 8, n. 2, p. 146-163, jul./dez. 2022
ISSN eletrônico: 2447-6498

_____. *What is Enlightenment?* London; New York: Routledge, 2013. E-book Kindle.

FOUCAULT, M. O que são as luzes? In: _____. *Ditos e escritos II*. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. What is Enlightenment? In Rabinow (P.), éd., *The Foucault Reader*, New York, Pantheon Books, 1984, pp. 32-50.

_____. *O governo de Si e dos Outros*. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2010.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Trad. Denilson Luís Werle. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

KANT, I. Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung. In: KANT. *Werke in Zwölf Bänden*, vol. XI. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1964.

_____. Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento? In: _____ *Textos seletos*. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. Edição bilíngue. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *Crítica da razão pura*. Tradução de Fernando Costa Mattos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015 (Coleção Pensamento Humano).

KANT, I. et al. *O que é Esclarecimento?* Tradução de Paulo Cesar Gil Ferreira. Rio de Janeiro: Via Veritas, 2011.

LOSONSKY, M. *Enlightenment and action, from Descartes to Kant*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LOSURDO, D. *Autocensura e compromisso no pensamento político de Kant*. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

SCHMIDT, J. What Enlightenment Was: How Moses Mendelssohn and Immanuel Kant Answered the Berlinische Monatschrift. *Journal of the History of Philosophy*, 30(2), 1992, pp.77-102, 1992.

_____. *What is Enlightenment? Eighteenth-Century Answers na Twentieth-Century Questions*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1997. E-book.

TORRES FILHO, R. Respondendo à pergunta: Quem é a Ilustração? In: _____. *Ensaio de Filosofia ilustrada*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. Respondendo à pergunta: quem é a Ilustração?. *Discurso*, n. 19, 1992, p. 101-112.